

Bacha não recomenda confronto

Quem esperava um discurso contundente, pregando o confronto com os credores da dívida externa brasileira, ouviu do economista Edmar Bacha, membro da equipe do ex-ministro do Planejamento João Sayad e um dos pais do fracassado Plano Cruzado, uma exposição comedida, em que o confronto com os credores não só é descartado, como considerado uma medida imprudente.

Se rechaçou a tese de confronto defendida pelo ex-ministro Dílson Funaro, Bacha também não se mostrou inclinado a apoiar a tese do governo brasileiro de trocar a dívida por títulos, que ele considera inexecutável, porque os credores somente aceitariam esta troca se tivessem uma alta remuneração destes papéis, em torno de 20% ao ano, inviável para o Brasil.

Para Bacha, existe apenas uma solução para o problema da dívida: a redução de remessa de recursos para o exterior de 4,5% para entre 1,5% e 2% do Produto Interno Bruto (PIB), o que possibilitaria um crescimento da economia em torno de 5% ao ano, ou seja, uma taxa de crescimento do PIB superior à da dívida.

Bacha coloca também outro condicionante: a variação das taxas de juros no mercado internacional que devem chegar ao máximo de 6 a 7% ao ano.

Desta forma, segundo Bacha, o país teria condições de manter o pagamento dos juros da dívida e, ao mesmo tempo, garantir seu crescimento econômico. Já a solução de mercado — que Bacha entende como o não-pagamento dos juros da dívida para forçar os credores a melhorar o tratamento dado aos devedores — tem alguns inconvenientes tanto para os credores como para os devedores.

Do lado dos credores o é feito imediatamente é redução da lucratividade dos bancos, com a quebra de muitos deles. Para os devedores, no entanto, um eventual confronto pode levar não apenas à suspensão das linhas de crédito de curto prazo, que para Bacha não é o mais grave, mas sim, o que é pior, à suspensão dos créditos de instituições oficiais como Banco Mundial (Bird), Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e Clube de Paris, que congrega outras agências oficiais de crédito.